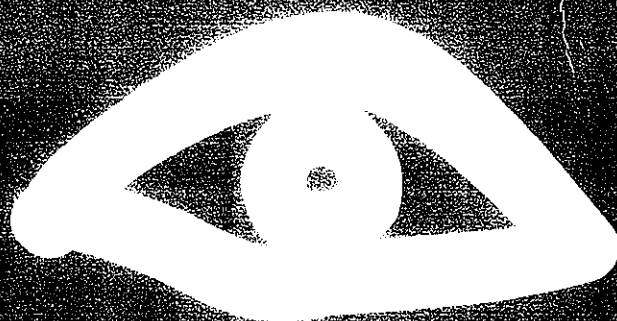


REVISTA
GALEGO-PORTUGUESA
DE PSICOLOXÍA
E EDUCACIÓN



Nº. 4 (Vol. 6) ANO 4º - 2000
V CONGRESO GALEGO-PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOXÍA
A. Barca & M. Peralbo (Eds.)
LIBRO DE ACTAS (II): COMUNICACIONES E POSTERS

REVISTA GALEGO-PORTUGUESA DE PSICOLOXÍA E EDUCACIÓN



Galician-Portuguese Journal for the Study of Psychology and Education

DIRECCIÓN/GENERAL EDITOR

Alfonso Barca Lozano (Universidade da Coruña)

DIRECTORES ADXUNTOS/ASSISTANT EDITORS

Leandro S. Almeida (Universidade do Minho-Braga). Ana María Porto Rioboo
(Universidade da Coruña)

CONSELLO EDITORIAL/EDITORIAL BOARD

Mário R. Simões (Universidade de Coimbra). Orlanda R. Cruz (Universidade de Porto). A. Dosil
(Universidade de Santiago). Manuel Peralbo, Rosa Santorum, Manuel García Fernández (Universidade
da Coruña). José Augusto Pacheco (Universidade do Minho-Braga). Julio A. González-Pienda, J. Carlos
Núñez (Universidade de Oviedo). Alfredo Campos (Universidade de Santiago). Antonio López-Castedo
(Universidade de Vigo- Campus Ourense). J. Miguel Muñoz (Universidade da Coruña). Luis Celeiro
(Universidade de Santiago). Lorenzo Fernández (Centro de Enseñanzas Integradas. A Coruña)

CONSELLO CIENTÍFICO ASESOR/SCIENTIFIC BOARD (1997-1999)

Vitor da Fonseca (Universidade Técnica de Lisboa). José Fernando A. Cruz, Varela de Freitas
(Universidade do Minho-Braga). José Tavares (Universidade de Aveiro). Fernando Justicia
(Universidade de Granada). Cándido Genovard (Universidade Autònoma de Barcelona). Francisco
Rivas (Universidade de Valencia). Elías Blanco (Universidade do Minho) Jesús Beltrán (Universidade
Complutense de Madrid). Florencio Vicente Castro (Universidade de Extremadura). Carme Junqué
(Universidade de Barcelona). Miguel A. Santos (Universidade de Santiago). Narciso de Gabriel, María
Ángeles González (Universidade da Coruña). Francisco Cano (Universidade de Granada) Bento D.
Silva (Universidade do Minho-Braga). Manuel Viegas Abreu (Universidade de Coimbra). Ángel
Villarini (Universidade de Porto Rico-Campus de Rio Piedras) Ramón Canals (Universidade de Girona).
José Ramón Villalón (Universidade Tecnolóxica de Ponce-Universidade de Porto Rico).
María Teresa Torres (OFDP-San Juan. Puerto Rico). Marc Monfort (Centro Entender y Hablar.
Madrid). Xabier de Salvador (Universidade da Coruña). Agustín Requejo, José Cajide, Miguel A.
Zabalza (Universidade de Santiago). Bernardo José Gomez (Universidade da Coruña).
Neves Arza (Universidade da Coruña)

EDITORES

UNIVERSIDADE DA CORUÑA
UNIVERSIDADE DO MINHO

SECRETARÍA/SECRETARY BOARD

Redacción/Manuscripts

Bárbara García, Silvia Santamaría, Juan C. Brenlla
María Jesús Castro, Aurora Malvarez

Información documental e científica/

Libros/Books

Sonia Seijas, Ignacio Castro,
Eduardo Rodríguez, Fernando Arboleya



**DO PARADIGMA FORMATIVO RELACIONAL...
AO PARADIGMA DESENVOLVIMENTISTA SALUTOGÉNICO,
ATRAVÉZ DA RELAÇÃO EDUCATIVA**

M^a Augusta ROMAO DE VEIGA

ÁREA DE PSICOPEDAGOGÍA

UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Universidade de Santiago de Compostela

RESUMEN

Cada vez se vai tornando mais claro que **aquele que aprende; aprende e apreende mais o que o professor É e FAZ**, do que o que ele diz ser ou fazer. O fenómeno é exposto e percebido, de forma mais ou menos evidente, ao longo do tempo relacional na circunstância educativa. Esta percepção centraliza de vez a atenção na pessoa do professor, atribuindo-lhe a responsabilidade da gestão dessa relação, no sentido da formação em qualidade, não só do aluno, mas sim dele próprio e a partir dele.

Como Goleman (1995, 1999) expõe e Damásio (1995) comprova, o cérebro está concebido desde o início para captar e responder a expressões emocionais específicas; a empatia é um dado biológico. Isto pressupõe que **numa relação entre dois sujeitos**, cada um deles tem receptores para captar esses estados corporais e fisionómicos, e poder traduzi-los numa interacção. Estas transferências dos estados de espírito de pessoa para pessoa, ao que Goleman chama **contágio emocional**, são importantes na percepção do outro, ao ponto de podermos repeti-lhe os gestos, entrando assim em **sincronismo**. É este nível de **sincronismo**, que reflecte a profundidade de uma interacção, e facilita a recepção de estados de espírito, quer sejam positivos ou negativos.

Os autores psicopedagogos, na linha de Gazda, Rogers, Postic e Brederode dos Santos entre outros, defendem mesmo, um conjunto de características da personalidade, essenciais não só à auto e hetero-formação, mas sobretudo, naqueles que consciente ou inconscientemente servem como modelo, para estruturar o comportamento: o que acontece no aluno em relação ao professor.

Tal paradigma aplica-se também à vida social e à qualidade relacional, nomeadamente ao nível da aceitação e influência social e pessoal, e em particular a nível educativo.

Ao nível individual, estes estados corporais funcionam como memória em relação aos sentimentos e emoções, e de tal modo, que têm interferência na passagem dos níveis mais corporais para os níveis psico-significativos.

Como é que estes fenómenos adquirem importância na Relação Educativa?

Professores e alunos **envolvidos em relacionamento**, emitem e absorvem essas expressões emocionais entre si, produzindo por sua vez emoções no seu próprio corpo, retendo esses registos em memória, e desencadeando as respectivas consequências.

Esta proposta de Formação/Desenvolvimento não pretende produzir uma teoria sobre a construção/educação do humano baseada unicamente na inteligência emocional, mas expõe uma abordagem para a utilização desse capital humano, como uma “arma” poderosa, para dar um novo sentido e significado ao relacionamento, nos momentos educativos. Esta energia emocional não poderia nem deveria ser usada em substituição da racionalidade, ao contrário, ela serviria como o elemento de fundo para potencializar a racionalização e a decisão, implícita às atitudes em contexto educativo.

O que aqui se pretende evidenciar, é o como e o quanto um Educador ou Professor literato emocionalmente, pode ser tomado como exemplo/guia pessoal, para educar as emoções, e melhorar espontaneamente os comportamentos, do ponto de vista de quem com ele interage: alunos, colegas ou parceiros de projectos.

De facto, o Saber Ser e o Saber Estar do professor, expostos ao longo da necessária e constante Relação Educativa, no tempo e espaço formativos, constituem um paradigma formativo, em que o professor poderia ser usado como modelo. Então faz sentido, perceber um perfil, ou pelo menos dar contornos a um perfil de “*Professor Competente*”, a partir da concepção da Inteligência Emocional (Goleman, 1995, 1999; Steiner 2000), aplicada á realidade e finalidade educativas.

Um Professor Emocionalmente Literato é aquele que :

É auto-consciente relativamente ás emoções/sentimentos que sente e tem uma alta percepção de si; **Gere as suas emoções** a nível atitudinal e comportamental; **Controla produtivamente a energia emocional** e aplica-a em proveito próprio e orientado; **È Empático** a nível singular e plural, e é competente **a gerir relacionamentos** em grupos.

A aplicação prática desta concepção, centraliza de vez a atenção na **pessoa** do professor, como protagonista do auto e hetero desenvolvimento, atribuindo-lhe especial responsabilidade na gestão da relação pedagógica, usando essas “armas” emocionais para a *intencionalizar* no sentido da formação em qualidade.

É claro que este potencial não se esgota aqui.

Simultaneamente, também a responsabilidade da manutenção da Saúde deixou de estar centralizada nos agentes de saúde e de educação, para se centralizar (conceptualmente e na prática) **no sujeito** educando, formando, civil, cidadão, enfim... pessoa, **capacitada** para construir o Projecto de Si, cabendo-lhe, como sujeito singular, tornar-se detentor dessas capacidades/competências.

É aqui então que o conceito de Competência Emocional e o conceito de Salutogénese se encontram e se fundem.

Então, é também aqui, que importa perceber que as matérias necessárias, para pôr em prática a formação, o desenvolvimento e a realização destes conceitos, são as mesmas.

Partindo deste pressuposto, pode apresentar-se a seguinte Proposta:

Considerem-se as escolas, desde que envolvidas na concepção da Promoção para a Saúde, como **os órgãos alvo** – enquanto promotoras da saúde biológica, psicológica, social e cultural – para dinamizar novos ou mais abrangentes programas de resposta, **para formar em Salutogénese biológica, psico-afectiva (emocional) e sociocultural**.

A escola poderia assim ser chamada a dar resposta á necessidade de tornar Salutogénicos os princípios de filosofia de vida de todos os que a constituem, mas conferindo aos professores e aos agentes educativos, o pólo central da condução e intencionalização deste processo.

No entanto esta proposta encontrar-se-ia nos limites da própria concepção de Escola.

Como espaço-tempo institucional, não deixando de perder de vista, de modo algum, os aspectos de aprendizagem curricular e de formação em geral, mas, o que seria reforçada e repensada, seria **uma nova atitude de fazer confluir no tecido educativo** e formativo, as noções de **literacia emocional e educacional para a Promoção/Educação para a Saúde**, cumprindo assim a concepção do paradigma desenvolvimentista salutogénico.

Aceitando esta possibilidade formativa, o objecto fulcral, seria o desenvolvimento relacional e emocional do professor. Não somente enquanto tal, mas sobretudo enquanto pessoa.

Este sujeito seria o **capital humano** essencial, para levar a cabo as medidas equacionadas nesta proposta.

Tais medidas só poderão ser tomadas por quem de direito rege a filosofia de ensino, nomeadamente ao nível de poderem ser identificados os perfis do formando e do formador que se pretendem obter. Se nesse perfil for considerado pertinente a **inclusão de competências pessoais e sociais além das técnicas científicas**, então teremos que investir em alterações profundas na política educativa curricular.

Numa pesquisa realizada numa amostra de 250 professores do Ensino Superior Politécnico, foi questionada – segundo a sua percepção – a frequência com que se revelavam Emocionalmente Competentes, em situações (hipotéticas) pessoais e profissionais.

Para tal, foi aplicado um questionário, que perscrutava as suas capacidades atitudinais através duma escala em que se expunham as frequências: *NUNCA*; *RARAMENTE*; *POUCO FREQUENTE*; *POR NORMA*; *FREQUENTE*; *MUITO FREQUENTE*; *SEMPRE*. Os dados sugeriram que os seus níveis de Auto-Consciência e de Empatia se situavam em *Frequente*; as capacidades de Gerir Emoções e de usarem produtivamente a Energia Emocional, se situavam em *Por Norma*; e a capacidade de Gerir Relacionamentos em Grupos, situou-se em *Pouco Frequente*.

No global da amostra o nível de Competência Emocional situou-se em *Por Norma*, tendo sido excluída, como variável preditiva a Gestão de Relacionamentos em Grupos para os professores, e para as professoras a Empatia.

É neste contexto que os resultados não deixam de ter importância e relevância, porque traduzem uma percepção de uma realidade, algo inadequada relativamente aos pressupostos citados no construto teórico e pretendidos, de forma subjacente, nesta Proposta final.

Isto torna pertinente, não só a progressão da pesquisa como também o conhecimento destes resultados por parte dos actores e responsáveis pela actual realidade da formação, no sentido da sensibilização para a necessidade da sua mudança, de encontro aos pressupostos de Relação Educativa e de Educação auto e hetero-formativos teoricamente anunciados e defendidos, que sustentam a pertinência e emprestam fundamento ao Paradigma Desenvolvimentista Salutogénico.

Partindo do pressuposto paradigmático da política intra-educativa e auto-formativa, quaisquer reformas curriculares seriam a parte visível do iceberg, cuja área imersa diria respeito aos comportamentos e atitudes usados para gerir a Relação e a Razão no processo do Ensinar e do Aprender. E estas diriam respeito, à Competência Emocional tanto dos formandos como dos formadores.

A finalidade, é que o formando se construa, ao desenvolver-se como emissor-receptor de todo um património de destrezas interactivas, psico-cognitivas e proprioceptivas intrínsecas e extrínsecas, no sentido do bem estar salutogénico a nível pessoal e profissional.

O mesmo se aplicaria ao Formador.

Então é de todo essencial pensar em novas formações, não tanto do ponto de vista do espaço e do conteúdo, mas talvez mais, do ponto de vista do espaço mental e relacional em que se controem as “armas”, que dotam o professor da capacidade de intencionalizar as relações do espaço escola, para que, além de serem educativas, se tornem desenvolvimentistas, do ponto de vista do conceito e da significação do que é formar em Salutogénese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, I. 1993. Prefácio. In Tavares J. **Dimensão Pessoal e Interpessoal na Formação**. Cadernos CIDInE. Aveiro ASS. CIDInE. pp 5-11.
- ALMEIDA, e SILVA, M. A. 1993. Estudos sobre a dimensão pessoal e interpessoal. In J. Tavares (Ed). **Dimensão Pessoal e Interpessoal na Formação**. Cadernos CIDInE. Aveiro, CIDInE. pp 29-39.
- ANTONOVSKY, A. 1995 Orientação Salutogénica da Promoção da Saúde. Traduzido e adaptado de **Health Promotional Internacional**, 11, (1996), 1: 13-17.
- BARRETT, L. 1998. “Discrete Emotions or Dimensions?” The Rule of Valence focus and Arousal focus. **Cognition and Emotion**. 12(4). 579 – 599.
- BARROS, J. e BARROS, A. 1996. **Psicologia da Educação Escolar I**. Alunos - Aprendizagem. Coimbra. Almedina.
- DAMÁSIO, A. 1995 **O Erro de Descartes, Emoção, Razão e Cérebro Humano**: Pb. Europa América. 9º Ed, Mem Martins.
- FORMOSINHO, J. 1987. Fundamentos Psicológicos para um modelo Desenvolvimentista de Formação de Professores. **Psicologia**, V. 3 247-257.
- FORMOSINHO, J. 1989. Para uma Pedagogia do Desenvolvimento. **Inovação**. Vol 2,4,467- 475.

- GOLEMAN, D.** 1996 **Inteligência Emocional.** Lisboa: Círculo de Leitores-SIG.
- MARQUES R.** 1998. **A Arte de Ensinar.** Lisboa. Plátano Ed.
- MAUCO, G.** 1997. **Psicologia e Educação, 5ª ed.** Lisboa. Moraes.
- NAVARRO, F.**1995. **Modelos de Intervenção em Saúde na Educação escolar e nos Ensino Básico e Secundário.** Comunicação apresentada no Simpósio: **A Educação para a Saúde-O Papel da Educação Física na Promoção de Estilos de Vida Saudáveis.** E.S.Comunicação Social. Lisboa.
- JENSEN, B. (Ed.)**. 1991. **The Action-perspective in School Health Education.** Royal Danish School of Education Studies. Denmark. ISBN. 87.7701 -2658.
- POSTIC, M.** 1990 **A Relação Pedagógica, 2ª Ed.** Coimbra, Coimbra Ed. Lda.
- WHO – Ottawa Charter for Health Promotion.** 1986 An international conference on Health Promotion. The move towards a new public health. Ottawa. Nov. 1986.
- WILLIAMS, T., ROBERT, Y. and HYDE, H..** 1990. **Exploring Health Education in Teacher Education.** Macmillan.